



Apresentação

“También nosotros, ciudadanos de Ur
despreciamos al que es distinto.”
Ley de extranjería, José Emilio Pacheco.

“There is no place like home.”
The Wonderful Wizard of Oz, by L. Frank Baum.

A bibliografia sobre o tema que propomos para esta edição da *Nau Literária* é tudo menos escassa. O que não é de se estranhar, dado que a condição original humana é a de exilada, transitória, sem saber sequer o nome da pátria perdida ou a origem a que se remete. Neste sentido, seria possível dizer que, em geral, toda tentativa de criação literária ou artística, seja uma tentativa de reconstrução do éden bíblico, esse lugar que todos poderíamos chamar de “casa” e que Borges precisamente teria imaginado como “algún tipo de biblioteca”.

Camões, como lembra o poeta Leonard Bacon, até agora o único norte-americano que publicou uma tradução de *Os Lusíadas*, numa conferência ditada em Harvard no ano de 1947 (editada por George Monteiro e publicada por primeira vez neste número da *Nau Literária*), “foi o primeiro grande artista europeu a ver os trópicos e o oriente” e nesse longo exílio cria a epopeia do povo português, o primeiro tesouro literário que resguarda sua língua. Na vasta geografia “exótica” que Camões descreveu para a Europa depois de seus primeiros viajantes e cronistas, hoje ainda encontramos novos navegantes e aventureiros, inclusive aqueles cujo olhar revela, por sua vez, uma Europa “exótica”; pois é precisamente o “exótico”, o outro, que contribui para definir o próprio e o que quer que seja nosso. Nas páginas desta *Nau Literária* apresentamos textos sobre África lusófona, Brasil e Portugal com vários destes olhares sobre si mesmo e o “outro” na perspectiva do migrante, do exilado, ou daquele que procura a sua identidade, o seu éden, na literatura e no mundo (ou vice-versa).

O tema do deslocamento é abordado desde as suas representações mais antigas, dos primeiros viajantes que remontam às conquistas de territórios e processos de colonização, aqui lembrados na leitura absorta que Leonard Bacon faz de Camões, até os subsequentes das diásporas, exílios e migrações, que na contemporaneidade continuam existindo à procura de uma vida melhor, de prazer ou em condição de resistência. Transladar-se, para além de resistir, é também readaptar-se, recriar, estabelecer alternativas e abrir um caminho distinto.

A diáspora, condição antiquíssima, continua existindo e é retomada em um caso particular da presença de uma comunidade judaica do Brasil por Manuela Matté e Salete Rosa

Pezzi dos Santos, que escrevem sobre o romance *Duas iguais*, de Cíntia Moscovich, discutindo sobre a constituição da identidade cultural de uma comunidade em Porto Alegre e suas relações com a memória coletiva e a territorialidade. A diáspora se relaciona ainda com o movimento contrário que sofre o “retornado”. Este fenômeno pós-colonial, descrito no romance de Dulce Maria Cardoso através da história de um adolescente forçado a “retornar” a uma pátria que já não é a sua, é apresentado por Alleid Ribeiro Machado no seu artigo *Adeus Luanda*. Também o personagem literário do brasileiro torna-viagem, presente nos romances de Camilo Castelo Branco que nos apresenta Tatiana de Fátima Alves Moysés no seu artigo *Entre Portugal e a “Árvore das Patacas”*, se relaciona com aquele do retornado, mas as causas do deslocamento são bem diferentes: enquanto o primeiro é forçado a migrar em condições de pobreza extrema, o segundo procura a viagem com uma finalidade particular, o enriquecimento. A volta destes portugueses emigrados para Portugal e as expectativas geradas por estes retornos, diferentes como são, não deixam de nos sensibilizar para o fato de que os “retornados” sejam recebidos com certo desconforto, desconfiança e, até poderíamos insinuar, repulsa.

O exílio, por outro lado, se caracteriza muitas vezes por uma “consciência contrapontística”, como descrita por Edward Said. Renata Ribeiro Lima apresenta o caso clássico de Gonçalves Dias, dividido entre Brasil e Portugal, escrevendo sempre nessas duas direções, e desde o “não-lugar” oceânico, para construir uma “identidade”. Para o sujeito escritor as relações entre os trânsitos, os lugares ou não-lugares e a forma de escrever podem apresentar uma diferente maneira de pensar a formação e produção intelectual em outra condição geográfica, bem como a própria literatura e suas possibilidades estéticas. Portanto, neste tipo de temática, igualmente as relações entre espaço, linguagem e outros recursos de escrita tornam-se instância de reflexão, ruptura e ação que propulsionam a recriação de si mesmo, de uma obra e/ou de uma literatura própria. Nuno Miguel de Brito e S. Teixeira abordam o tema do exílio a partir do poema *Camões*, de Almeida Garrett, pensando na literatura que contribuiu a reforçar a idealização da nacionalidade e dos seus símbolos. Finalmente, o romance *Amores exilados* nos remete ao exílio no contexto da ditadura brasileira com uma narrativa que expressa o sofrimento experimentado pelas vítimas do regime militar, perspectiva assumida por Glauciane Reis Teixeira para refletir sobre fragmentação e crises identitárias a nível psicológico e sociológico, tendo como objetos de análise dois personagens em seu processo de desterramento em Paris.

Outros personagens migrantes, no âmbito da literatura produzida em diferentes estados brasileiros, recebem leitura neste número da revista. No artigo *Deslocamentos*

culturais em Morro Azul, Grazielli A. de Lima e Erika R. de Lima analisam a influência de movimentos migratórios na constituição da identidade cultural dos moradores do hoje Mato Grosso do Sul que se dirigiram ao Morro Azul e posteriormente apresentam o que chamam de “múltiplas identidades culturais dos mesmos”. Em *Identidade em trânsito*, de Cloves da Silva Junior, há uma interpretação do conto *Êxodo Rural*, evidenciando o caráter transitório e flutuante das identidades, de acordo com as relações entre campo (goiano) e cidade, interpretados a partir das formações identitárias e da migração do protagonista e sua família.

Os textos relacionados para este dossiê nos remetem às diferentes formas da transladação e fazem refletir sobre as experiências interculturais dinamizadas por estes movimentos, a intensificação e ressignificação que provocam nos vínculos socioculturais, políticos e econômicos. Estes entrecruzamentos conformaram uma diversidade maior de identificações, vínculos e intercâmbios culturais que ultrapassam as identidades nacionais homogêneas para dar lugar ao hibridismo, no sentido do que expressa Homi Bhabha.

Inseridos em um contexto de globalização e era digital, tais movimentos ganham novos sentidos para dimensões de tempo e distância, representam novas possibilidades, pois nos tornam navegadores através do acesso à informação. Por outro lado, a globalização não representa apenas aberturas, na medida em que continua existindo diferenciação entre nacionalidades e indivíduos, discriminação e exclusão, o que nos obriga a pensar os limites da multiculturalidade e da hibridez enquanto “inclusivas”.

O que distingue este tempo contemporâneo é algo como lembra Salman Rushdie em *Step across this line*, “mass migration, mass displacement, globalized finances and industries”. Os artigos deste número da *Nau Literária* nos tocam pessoalmente, fazendo refletir sobre questões elementares que sempre nos acompanharam como quem somos e onde estamos. Esperamos que seja prazerosa a aventura de passar por estas perspectivas diversas, como por fractais, para ir compondo o próprio entendimento do mundo.

Lilian C. de Campos Martinez

Pauly Ellen Bothe

(organizadoras do número)